

O processo de criação

Mônica Leoni

Esta exposição não tem a pretensão de ser a conclusão de algo, mas sim a de explorar um tema. O tema a ser explorado é o processo criativo, em dois momentos diferentes, dentro da composição em si e dentro da improvisação.

Heiner Ruland, em seu livro “Die Neugeburt der Musik aus dem Wesen des Menschen”, no capítulo “O processo artístico como fundamento da terapia” analisa a descrição dos sete processos vitais inconscientes, feita por Rudolf Steiner e os relaciona com o processo de criação de Mozart. Ele utiliza para isso o trecho de uma carta escrita por Mozart à um Barão, que havia lhe pedido que escrevesse sobre o seu processo de criação.

O trecho da carta descrito pelo próprio Mozart diz assim:

“Quando estou sozinho, em paz e de bom humor, por exemplo, viajando numa carruagem, passeando após uma boa refeição ou à noite quando não consigo dormir: chegam a mim os pensamentos fluindo da melhor maneira. Da onde e como vêm, isso eu não sei. E também não posso influenciá-los. Aqueles que me agradam eu guardo na cabeça e parece que os cantarolo para mim, pelo menos é o que a outras pessoas me dizem. Seguro-os firmemente e então logo vêm, um depois do outro, como se fossem pedaços destinados a fazer um empadão: contrapontos, os sons de diversos instrumentos, etc. etc. etc. Isso esquenta minha alma, principalmente quando não sou perturbado; depois torna-se cada vez maior; e eu o amplio e ilumino cada vez mais. A coisa fica quase pronta na cabeça, mesmo sendo longa. De forma que, depois, eu possa, com uma olhadela, vislumbra-la no espírito, como se fosse um belo quadro ou uma pessoa bonita. Assim na minha imaginação eu não ouço uma coisa seguida da outra, da forma em que será realizada depois, mas ouço tudo junto de uma vez. Isso então é uma regalia! Todo esse “encontrar” e “fazer”, acontece em mim como num belo intenso sonho: mas o sobre-ouvir, assim tudo de uma vez, é de fato o melhor.” - (W.A. Mozart, cartas e anotações, vol. IV, Kassel 1963, pág.527. Carta para o Barão... Praga 1970)

Os processos vitais que ocorrem de forma inconsciente, no processo da criação artística, tornam-se mais conscientes.

Assim como Rudolf Steiner relata (G.A.170, 12/8/1916), as áreas dos sentidos e os processos vitais, interagem reciprocamente de um modo em que ambos se transformam um com o outro...As áreas dos sentidos, severamente separados entre si, encontram-se na periferia do mundo exterior percebido supraconscientemente. Durante a vivência artística os sentidos são levados mais para dentro e permeados por uma dinâmica viva, que permite de certo modo que se misturem entre si. Pela atuação dos processos vitais dormentes, totalmente inconscientes, os sentidos são levados da vigília para o sonhar. Ao contrário, os processos vitais que ocorrem no interior, são elevados para um sentir anímico durante a criação e a vivência artísticas; por meio da atuação das qualidades sensórias, que por sua natureza são despertas, eles adquirem mais consciência, ainda que esta seja somente uma consciência de sonho. (H.R.,pg.11)

Colocando o processo de criação artística de Mozart na descrição dos sete processos vitais, como Heiner Ruland fez, teríamos o seguinte quadro:

	Os sete processos vitais	Criação artística de Mozart
Respiração	Pura assimilação, absorção do mundo exterior sem transformação	“Chegam a mim os pensamentos fluindo da melhor maneira”
Aquecimento	Assimilação reativa do mundo exterior; o calor não penetra diretamente em mim, eu reajo ao calor exterior com o calor próprio	“Aqueles que me agradam eu guardo”, as idéias que tem alguma relação interior reagem com a percepção inconsciente que ele já tem da obra
Alimentação	Assimilação transformadora do mundo exterior; eu destruo completamente a substância exterior de meu alimento, para transforma-la e adapta-la a mim	“Seguro-os firmemente e então logo vem, um depois do outro...”; Apropriação das idéias que inicialmente aparecem por si mesmas vindas de fora, transformação e adaptação às idéias que já existem dentro.
Segregação/ Secreção	Para possibilitar a assimilação, algo precisa ser levado de dentro ao encontro do que vem de fora, precisa ser secretado, seja calor próprio etc. Por outro lado o que vem de fora deve ser agregado ao organismo, para dar continuidade ao processo	“Isso esquenta a minha alma” Agora tudo se transforma em algo volitivo, estamos perto do ponto central do acontecimento, da inspiração aquecida que aflora do subconsciente e impulsiona o processo criador. A partir deste ponto, o material de idéias transformado e adaptado à inspiração musical interior será introduzido nos próximos passos da criação.
Manutenção	Constante reconstrução interior para repor aquilo que é retirado	“Quando não sou perturbado” Não pode vir mais nada de fora. Por exemplo, idéias que ainda não foram digeridas, que perturbariam o delicado processo do via-a-ser. Para que aquilo que já foi captado como força interior da inspiração possa permanecer puro e possa atuar de forma pura até a sua finalização.
Crescimento	Construção além da mera manutenção do já existente	“torna-se cada vez maior, e eu o amplio e ilumino cada vez mais” A inspiração encontrou seu caminho certo, a obra se desdobra com uma certa facilidade e naturalidade, aperfeiçoa-se cada vez mais.
Reprodução/ Produção	A reconstrução completa de um organismo na concepção de um novo “ser”	“a coisa fica realmente quase pronta na cabeça, mesmo sendo longa. De forma que, depois, eu possa, com uma olhadela, vislumbra-la no espírito, como se fosse um belo quadro ou uma pessoa bonita”. A obra foi reproduzida pela força espiritual da inspiração.

O processo de criação é algo vital? Ele se torna vital para as pessoas que trazem este dom dentro de si? Qual a necessidade que estas pessoas sentem de colocar esta inspiração recebida para fora e dividir com os outros seres? Se hoje escutamos uma das obras complexas de Mozart, como por exemplo, o Réquiem, e se imaginamos que ele a ouviu inteirinha dentro de sua cabeça antes de passá-la para o papel e de torná-la audível para os outros, podemos talvez ter uma idéia da “loucura” que se passava dentro dele, seria impossível ouvir isto dentro de si e não torna-lo externo.

Por que os alguns compositores sentem a necessidade de compor obras completamente “a frente” do seu próprio tempo, mesmo que isto lhes traga a total incompreensão do público e de todos que o cercam? De onde vem esta força e esta necessidade?

Como será que realmente se passa este processo, de onde vem esta música, que traz idéias “futuras”, coisas que a maioria das pessoas, só virão compreender depois de, talvez, dois ou três séculos?

Por que hoje ouvimos algumas músicas, que compreendemos e achamos maravilhosas, e que na sua época não eram aceitas nem entendidas pelas pessoas, e mesmo assim, indo contra os conceitos da época, os compositores precisavam escrever e trazer à vida estas músicas?

Os compositores modernos de hoje, ou mesmo do século passado não são ouvidos, muito menos compreendidos pela maioria das pessoas que vivem atualmente, eles trazem mensagens que vem de onde? Do futuro? Estas pessoas são extremamente importantes, elas trazem um impulso e uma força necessárias para que o todo caminhe em frente, elas, me parece, vão puxando o barco, pois os outros ainda não conseguem ver o que elas já enxergam tão claramente. E elas, de alguma forma, trazem isto tão forte dentro de si, que levam as suas composições à frente, apesar de não serem bem compreendidas.

Gostaria a seguir de fazer uma comparação dos 7 processos vitais com o meu processo de criação:

1- Respiração: Surge uma idéia, as vezes um motivo, as vezes uma frase ou alguns compassos...

2- Aquecimento: sento-me ao piano, toco esta idéia, me sinto bem, sinto a necessidade de fazê-lo, não me sinto em paz enquanto não torno esta idéia em algo palpável.

3- Alimentação: depois de tê-la anotado toco-a, transformo-a, torno-a mais coerente, encaixo-a numa forma.

4- Segregação/Secreção: As partes que não me agradam mais, deixo-as de lado.

5- Manutenção: volto a toca-la várias vezes, vou lapidando-a, melhorando o que pode ser melhorado.

6- Crescimento: Vou acrescentando variações, pequenos trechos novos, coloco harmonia, instrumentação

7- Reprodução: Quando sinto que está pronta, mostro a outras pessoas este novo “ser”.

Como será que ocorre o processo criativo dentro da improvisação? Será que acontecem os mesmos passos citados anteriormente?

Quando improvisamos, todas as etapas têm de acontecer de forma simultânea? Seria assim que Mozart se sentia e traduziu com a seguinte frase?

“Assim na minha imaginação eu não ouço uma coisa seguida da outra, da forma em que será realizada depois, mas ouço tudo junto de uma vez. Isso então é uma regalia! Todo esse “encontrar” e “fazer”, acontece em mim como num belo, intensivo sonho: mas o sobre-ouvir, assim tudo de uma vez, é de fato o melhor”.

Num processo de composição, o que ele ouviu “de uma vez, tudo junto” passa depois pelo processo de interiorização, escolha, amadurecimento, reprodução, etc, e no processo da improvisação?

Pegamos simplesmente as idéias, que estão no “ar”, no plano espiritual? E as transformamos em som, em música? Ou será que estas idéias musicais passam, nestas frações de segundos por aquele processo também?

Temos na verdade diversos tipos de improvisação: podemos improvisar livremente, simplesmente deixando fluir o que “surge” na nossa “mente”, sem nada pré-estabelecido; podemos ter algumas regras, como definir alguma escala ou modo para improvisar em cima; podemos improvisar em cima de uma harmonia pré-definida; em cima de uma rítmica ou ter definidos apenas os timbres, etc. etc. etc. Enfim existem muitas possibilidades.

Será que para cada uma destas improvisações vivenciaremos processos diferentes de criação?

Talvez na improvisação sem algo pré-estabelecido ocorra um processo mais direto, onde o que é “captado” é transformado em som diretamente sem uma análise, escolha, etc. como numa espécie de transe.

Numa improvisação com uma escala pré-definida, temos que ter esta escala o tempo todo presente em nós e brincar somente com estas notas, o que já muda completamente o processo de criação, pois temos que “descartar” muitas outras possibilidades e deixar fluir somente dentro da escala “escolhida”. Aqui já existe um alto grau de “escolha instantâneo”.

Até aqui temos bem claro dois passos: o da respiração (as idéias surgem) e secreção, quando temos que descartar várias notas tocando somente as que, de certa forma, combinam.

Já numa improvisação feita sobre uma harmonia pré-estabelecida, como no Jazz, por exemplo, é necessário que haja toda uma preparação e um alto conhecimento das regras. Então no momento da improvisação acontece de uma forma muito rápida, um processo de escuta, de escolha, uma junção do que existe dentro, com o que vem de fora, tanto do que está sendo tocado no momento pelos outros músicos, quanto do que vem da inspiração. Tudo numa fração de segundos.

Num momento de inspiração, tanto de composição quanto de improvisação, a pessoa é transportada deste mundo para um outro mundo. Seria este o mundo espiritual, o mundo das idéias, da inspiração?

Na verdade qual será a diferença do ato da criação dentro da improvisação e dentro da composição? Na composição passamos por várias etapas, cada uma separadamente, com tempo de amadurecimento das idéias e com tempo para analisá-las, escolhê-las, temos a possibilidade de lapidar as idéias até chegarmos a um resultado satisfatório.

Na improvisação não existe este tempo, a criação e o resultado acontecem no mesmo momento, não existe a possibilidade de lapidação, todas as etapas do processo acontecem simultaneamente. Para improvisar é necessário conseguir passar por todos os passos na fração de segundo entre o ouvir e o tocar e esta lapidação tem que estar presente também dentro deste momento. O improvisador, no momento do improviso, precisa estar completamente presente, totalmente consciente do som, da música, precisa estar totalmente presente no “mundo da inspiração”.

Referências:

Heinar Ruland; O processo artístico como fundamento da terapia; título original do capítulo: Der kuenstlerische Prozess als Grundlage der Therapie. Extraído do livro "die Neugeburt der Musik aus dem Wesen des Menschen". Edição em português: Ouvirativo - Música para o desenvolvimento humano. Tradução Karin Stasch